



Artigo: ARTETERAPIA: CONSIDERAÇÕES AO PROCESSO

*Helene Paraskevi Anastasiou
Paulo José dos Santos de Matos
CCS UFRB*

RESUMO

A arteterapia promove a interação social com a comunidade, outros participantes com o terapeuta. A arte pode ser utilizada como possibilidade para permitir o desenvolvimento e autoconhecimento da pessoa em atendimento. O presente estudo tem como objetivos investigar e analisar essas possibilidades no trabalho com a Arteterapia. Para isso foi realizada revisão da literatura, análises e estudos de bibliografias pertinentes que discutem os limites e alcances metodológicos, os quais puderam indicar perspectivas de continuidade de estudos nesta linha de pesquisa. Buscamos aqui estudar autores que nos proporcionem um melhor entendimento da arteterapia e os processos envolvidos em sua prática. Encontramos vários estudiosos, entre eles os que atuam e investigam diretamente a arteterapia e outros, cujas pesquisas auxiliam o entendimento dessa atuação.

Palavras-chave: Arteterapia; Interação social; Arte; Aprendizagem; Desenvolvimento.

ABSTRACT

Arttherapy promotes social interaction with the community, other participants with the therapist. Art can be used as a possibility to allow the development and self-knowledge of the person in attendance. The present study aims to investigate and analyze these possibilities in working with Arttherapy. For this, a literature review, analysis and studies of relevant bibliographies that discuss the methodological limits and scope, which could indicate perspectives of continuity of studies in this line of research, were performed. We seek here to study authors who provide us with a better understanding of art therapy and the processes involved in its practice. We found several scholars, including those who work and directly investigate art therapy and others whose research helps to understand this practice.

Keywords: Arttherapy; Social interaction; Art; Learning; Development.



1 Introdução

O objetivo do artigo foi investigar, analisar e descrever o processo da arte como função na arteterapia e como ferramenta de desenvolvimento individual, buscando na investigação bibliográfica a base preliminar para a construção deste texto. Para isso utilizamos vários autores, entre eles Ciornai que trata principalmente da Arteterapia e seus processos, Vygostky que fala da mediação e Jung que trata da simbologia e dos processos internos de processamento de nossas vivências.

Segundo Ciornai (2004, p. 7) a arteterapia é o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. Ela diz que essa é uma definição ampla que pressupõe que o processo do fazer artístico tem o potencial de cura quando o cliente é acompanhado pelo arteterapeuta experiente que, com ele, constrói uma relação que facilita a ampliação da consciência e do autoconhecimento, possibilitando mudanças.

Assim, a arteterapia promove a interação social com o grupo e com o terapeuta e utiliza a arte como ferramenta a ser empregada para possibilitar o desenvolvimento e autoconhecimento da pessoa em atendimento. Na arteterapia o indivíduo tem a oportunidade de tocar seu mundo interno, seus sonhos e desejos, trabalhando-os através de imagens e representações e compartilhar essas manifestações com o mundo e pessoas a sua volta; olhá-las novamente e resignificá-las, aprendendo com suas manifestações e as das pessoas a sua volta, resignificando a si mesmo.

Para Vygotsky a interação e o contato entre os indivíduos e o mundo ocorrem mediados pelos signos e instrumentos. É esse contato com o mundo e com o outro que possibilita ainda a criação dessas ferramentas, e essas ferramentas mediam a interação do indivíduo com o meio. Transformam-se em patrimônio cultural, pela cristalização e pelo uso compartilhado (VYGOTSKY, 1984).



2 Método

Por se tratar de um estudo de caráter bibliográfico, diversas obras de autores relevantes foram consultadas, interpretadas e delas foram extraídos pensamentos, reflexões e conceitos para compor o presente artigo. Para Gil:

[...] a pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto (GIL, 1994 apud LIMA; MIOTO, 2007).

Este artigo é uma síntese crítica e reflexiva de conhecimentos disponíveis estudados sobre o assunto aqui abordado. Adotamos aqui o entendimento de Minayo sobre pesquisa como “uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente” (1994, p.23). Para sua elaboração foram feitas análises e interpretações de bibliografias pertinentes, que discutem os limites e alcances metodológicos os quais podem indicar perspectivas de continuidade de estudos nesta linha de pesquisa. Para isso, buscamos autores diversos, entre eles, alguns que são referência na área de arteterapia como Selma Ciornai, Nice da Silveira e outros que tratam da mediação e da psique humana como Vygotsky e Jung.

Assim, procuramos contribuir com conhecimentos pertinentes à pesquisa na área de arteterapia, procurando enriquecer o acervo disponível para estudantes e profissionais da área. Segundo Zamboni, um estudioso na área da pesquisa em arte, (2001, p. 9-10) o processo de pesquisa tem um caráter lógico e organizativo tomando a pesquisa em arte como uma forma manifesta e apurada de racionalidade lógica.

Pesquisa é premeditação e essa, por sua vez, é racional. Entendo também que uma das características fundamentais da pesquisa é o grau de consciência e do pleno domínio intelectual do autor sobre o objeto de estudo e do processo de trabalho, mas com isso não pretendo negar a existência da força intuitiva e sensível contida em qualquer processo de trabalho, seja em arte, seja em ciência (ZAMBONI, 2001, pp. 9-10).



3 Resultados

3.1 Caminhos do Desenvolvimento Humano: contribuições de Vygotsky e a Arteterapia

A década de 20 vai mostrar uma confluência da Psicologia e da arte, unidas na proposição de novos enfoques interpretativos, tais como o processo de funcionamento e elaboração do conhecimento artístico e do próprio ato de pensar. Em vista disso, conceitos como a evolução dos desenhos infantis, a função do jogo na vida da criança e do adulto, a emoção estética e o ato criador aparecem nas discussões de psiquiatras, psicólogos e educadores como Vygotsky, Piaget e Delacroix, entre outros. Há uma grande preocupação por parte desses autores em explicar as relações entre as emoções e a fantasia, e a gênese destas na criação artística e na vida do ser humano (FERRAZ, 1998, p. 23).

Os escritos de Vygotsky¹ nos pontuam a importância da mediação e dessa mediação no desenvolvimento humano. De acordo com o autor, o mediador é elemento essencial entre o sujeito e o conhecimento. Para Vygotsky, a mediação é estímulo auxiliar intencional que facilita a complementação da operação por meios indiretos, conforme Oliveira (1997, p. 34),

Uma importante contribuição de Vygotsky (1987) refere-se aos níveis do desenvolvimento envolvidos na aprendizagem: o nível de desenvolvimento real (o que a pessoa faz sozinha) e o nível de desenvolvimento potencial (quando a pessoa precisa de auxílio de outras pessoas ou de seu meio social). Na distância entre um nível e outro situa-se a zona de desenvolvimento proximal, que acontece quando os indivíduos estão em processo de aprendizagem. Neste contexto, o processo de aprendizagem acontece no contato com o meio social, seus objetos, significados e, principalmente, com o outro, nas interações sociais.

¹ Lev Semenovich Vygotsky nasceu a 17 de novembro de 1896 em Orsah e faleceu em Moscou, m 11 de junho de 1934, vítima de tuberculose. Em 1925 viajou para o exterior e organizou o Laboratório de Psicologia para Crianças Deficientes. Em 1927 escreve O Significado histórico da crise da psicologia, em 1931 elabora Desenvolvimento das funções psicológicas superiores, em 1932 realiza uma série de conferências em Leningrado. Em 1934 publica Pensamento e Linguagem.



Conforme o processo de aprendizagem descrito por Vygotsky, através da interação social, pode acontecer a inclusão de indivíduos diversos, cada um com suas peculiaridades, que ao interagirem com as outras pessoas aprenderiam, assim como as outras pessoas aprenderiam com elas, partindo do pressuposto que todos os indivíduos, vivem em constante processo de aprendizagem e desenvolvimento em contato com seu meio social.

Freitas descreve que:

Em seus estudos, Vygotsky (2001) buscou respostas a uma série complexa de questões inseridas no desenvolvimento de cada indivíduo. A primeira questão tem como foco a compreensão da relação entre os seres humanos e o meio. A segunda questão busca a identificação de novas formas de atividade, inserindo o trabalho na dinâmica do desenvolvimento humano como meio fundamental de relacionamento com a natureza e consigo mesmo. A terceira questão relaciona-se com a análise das relações entre o uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem, que possibilita a atribuição de significados e a construção de sentidos para o que se vivencia e se faz (FREITAS, 2009, p. 56).

Na arteterapia esses signos e instrumentos são constituídos pela fala, pelos gestos, pelos significados, pelos desenhos, pela pintura, pela modelagem, pela música e por todas as outras formas de expressão artística que trazem aquilo que muitas vezes a pessoa ainda não está preparada para perceber ou verbalizar e que, na forma de arte e aos poucos, vai chegando à superfície e/ou encontrando caminhos alternativos para essas emoções entrarem em contato com o consciente e, a partir daí, trabalhá-las. Segundo Ferraz (1998, p. 34), além do inconsciente, Vygotsky destaca a importância do conhecimento e da valorização da consciência, como um dado ativo e autônomo que atua na ação artística.

Assim, a cultura, a arte, a mediação e a interação social são questões fundamentais quando se pensa em promover a melhora na qualidade de vida. O papel do arteterapeuta nesse cenário é pensar e agir globalmente, levando em consideração as questões relevantes para o indivíduo como pessoa que faz parte de uma determinada comunidade e que precisa conviver



com outras pessoas com diversos níveis de desenvolvimento. Nesse sentido, Freitas e Anastasiou (2009, p. 4) destacam a importância da inclusão sócio-educativa que permeia a vida em sociedade e que os indivíduos, em contato com a sua comunidade, com seu contexto social, com pessoas de níveis de desenvolvimento semelhantes e diferentes, experimentam uma rica gama de possibilidades de agir com o mundo, atuar sobre esse mundo produzindo seu conhecimento e possibilitando seu desenvolvimento em conjunto com o outro. Os níveis de desenvolvimento dos indivíduos vão se alargando no contato com o outro.

3.2 Funções da Arteterapia

A arteterapia baseia-se na crença de que o processo criativo envolvido na atividade artística é terapêutico e enriquecedor da qualidade de vida das pessoas. Arteterapia é o uso terapêutico da atividade artística no contexto de uma relação profissional por pessoas que experenciam doenças, traumas ou dificuldades na vida, assim como por pessoas que buscam desenvolvimento pessoal. Por meio do criar em arte e do refletir sobre os processos e trabalhos artísticos resultantes, pessoas podem ampliar o conhecimento de si e dos outros, aumentar sua autoestima, lidar melhor com os sintomas, estresse e experiências traumáticas, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico.

Essa definição da arteterapia e suas possibilidades de aplicação, publicada pela *American Association of Art Therapy* (AATA) em 2003, é bastante ampla, mas fala claramente da função de possibilitar o desenvolvimento pessoal com o uso da arte.

Partindo do pressuposto que todas as pessoas têm a necessidade de se desenvolver, o processo terapêutico dentro da arteterapia preocupa-se não apenas com o produto, mas com o processo. As atividades psicomotoras desenvolvidas devem visar à realização pessoal. Conforme já citado, as atividades realizadas em atendimento têm como objetivo o autoconhecimento, assim como o reconhecimento do mundo e da cultura da qual o indivíduo faz parte. Os trabalhos realizados devem ser reconhecidos também como forma de comunicação.



Arteterapeutas são profissionais com treinamento tanto em arte como em terapia. Têm conhecimento sobre desenvolvimento humano, teorias psicológicas, prática clínica, tradições espirituais, multiculturais e artísticas e sobre o potencial curativo da arte. Utilizam a arte em tratamentos, avaliações e pesquisas, oferecendo consultoria a profissionais de áreas afins. Arteterapeutas trabalham com pessoas de todas as idades, indivíduos, casais, famílias e comunidades. Oferecem seus serviços individualmente e como parte de equipes profissionais, em contextos que incluem saúde mental, reabilitação, instituições médicas, legais, centros de recuperação, programas comunitários, escolas, instituições sociais, empresas, ateliês e prática privada (AATA, 2003 apud CIORNAI, 2004).²

Como coloca Freitas e Anastasiou (2004, p. 5), o fazer em arte não responde a fórmulas ou aprendizagens pré-estabelecidas, por tratar de um saber aberto que, mais do que configurar um pacote de conhecimentos acumulados, gera uma relação significativa em cada momento, com particularidades e especificidades da realidade e que este fazer em arte, em relação com os acontecimentos do mundo, implica em um sujeito criativo, em diálogo com experiências complexas, que produzem tanto uma transformação na pessoa que cria, como no contexto em que está inserida.

Assim, reafirmamos que cabe ao arteterapeuta, em particular, e à sociedade, em geral, aprender a conviver e trabalhar com a diversidade dos grupos e das experiências. Vivenciar e participar de um processo terapêutico pode exigir uma mudança no olhar. Larrosa nos fala sobre outra forma possível de viver a experiência e nos mostra que ver diferente ou sentir diferente pode trazer sentidos que nos passam despercebidos nos dias de hoje.

A experiência, a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o

² Art Therapy: The Profession. Folheto explicativo impresso da AATA (American Association of Art Therapy), presente também no site www.arttherapy.org in Ciornai, 2004, pp. 8-9.



juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2004, p. 160).

Outro autor que nos auxilia na compreensão da questão aqui focada é Jung, médico que se dedicou a psiquiatria e que passaremos a nos referir a seguir, descrevendo suas contribuições para a psicologia e para o entendimento da psique humana. As considerações auxiliam a encaminhar processos com grupos e com indivíduos, utilizando tanto a mediação citada em Vygostky, quanto à vivência da experiência proposta por Larrosa, assim como dos elementos de simbologia de Jung.

3.3 Jung, estudos e contribuições ao tema

Carl Gustav Jung nasceu na Suíça, no dia 26 de julho de 1875. Filho de Johann Paul Jung, pastor protestante da igreja reformada, e de Emile Preiswerk, dona de casa culta que incentivou a leitura de Goethe na adolescência. Viveu sua infância no campo, em contato com a natureza e com os livros da biblioteca de seu pai, onde leu textos de filosofia e teologia. Coursou Medicina na Universidade de Basileia e nutria especial interesse pelas idéias de Kant e Goethe, o que exerceria significativa influência na construção de sua teoria psicológica. Concluído o curso de Medicina, Jung dedicou-se à psiquiatria, como assistente do professor Eugene Bleuler no *Burgholzi Psychiatric Hospital*, da Universidade de Zurich, interessando-se especialmente pela esquizofrenia. O contato com a obra de Freud ocorreu através do livro “A interpretação dos sonhos” quando percebeu a extensão e a profundidade com que Freud tratou a questão dos sonhos. Essa leitura aproximou os dois maiores estudiosos do inconsciente, em uma amizade que durou cerca de sete anos.

Inicialmente, Jung foi receptivo à teoria Freudiana da sexualidade infantil, entretanto, com estudo e a prática clínica encontrou situações, as quais os fundamentos teóricos de Freud não respondiam. Em alguns de seus pacientes, a doença não apresentava características de fundo



sexual como Freud afirmava ser característica comum a todas as doenças mentais. Enquanto para Freud a natureza da libido era sexual, para Jung a energia vital libidinal básica se exprime no crescimento e na reprodução e, também, em outras atividades, a depender do que é importante para um indivíduo em um momento particular.

Jung formulou o conceito de inconsciente coletivo, que seriam as experiências herdadas dos seres humanos como espécie e as dos seus ancestrais animais. Postulava dois níveis do inconsciente: o inconsciente pessoal (lembranças, impulsos, desejos, percepções fugidias e que podem ser trazidas à percepção) e o inconsciente coletivo (que é constituído de experiências evolutivas universais e forma a base da personalidade). Assim, os três níveis da psique seriam o consciente, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

Para Jung são quatro as funções da consciência. A sensação, que é a soma total das percepções e fatos externos, vindos do sujeito por meio dos sentidos. A sensação diz que *alguma coisa é*, e não exprime *o que é*, nem qualquer outra particularidade da coisa em questão. O pensamento exprime *o que* uma coisa é, dá nome a essa coisa e junta-lhe um conceito, pois pensar é perceber e julgar. O sentimento informa, através de percepções que lhes são inerentes, o valor das coisas; é ele que diz se uma coisa é aceitável, se nos agrada ou não. A intuição é a função pela qual se antevê o que se passa pelas esquinas. Sempre que tiver que lidar com condições para as quais não haja valores estabelecidos ou conceitos já firmados, esta função será o único guia. É um tipo de percepção que não passa pelos sentidos.

Jung acreditava que a universalidade do inconsciente coletivo podia ser explicada pela teoria da evolução, mediante a semelhança de estruturas cerebrais presentes em todas as raças humanas. Enfatizou o poder de contribuição do inconsciente coletivo no desenvolvimento da psique. Tendências herdadas contidas no inconsciente coletivo (aquilo que Jung denominou de arquétipos) são determinantes preexistentes ou inatos da vida mental que dispõe a pessoa a se comportar de modo semelhante ao de ancestrais que se viram diante de situações análogas.



Os arquétipos são vivenciados como emoções e outros eventos mentais e estão tipicamente associados com experiências significativas da vida como nascimento e morte, com estágios particulares como a adolescência e com reações ao perigo externo.

Muita confusão tem sido feita em torno do conceito de arquétipo. Há ainda quem continue repetindo que Jung admite a existência de idéias e de imagens inatas. É falso. Incansavelmente ele repete que arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. São matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma. Jung compara o arquétipo ao sistema axial dos cristais, que determina a estrutura cristalina na solução saturada, sem possuir, contudo, existência própria. (SILVEIRA, 1997, p. 68).

Ainda segundo Silveira (1997), os arquétipos se originam do armazenamento das impressões superpostas deixadas por vivências basais, comuns a todos os indivíduos, repetidas várias vezes, através dos milênios. Vivências peculiares, tais como emoções e fantasias provocadas por fenômenos naturais, pelos encontros do homem com a mulher e da mulher com o homem, pelas experiências com a mãe, vivências de circunstâncias difíceis como o cruzamento de mares e de grandes rios, a transposição de montanhas, dentre outros. De qualquer maneira o arquétipo funciona como nódulo de concentração de energia psíquica que, em estado potencial, se atualiza e toma forma, então teremos a *imagem arquetípica*. Não poderemos denominar essa imagem de arquétipo, pois o arquétipo é unicamente uma virtualidade.

Uma estudiosa das teorias de Carl Jung que nos ajuda na compreensão destas questões foi Nise da Silveira, psiquiatra brasileira que viveu entre 1906 e 1999. Ela estudou no Instituto Carl Gustav Jung de 1957 a 1958 e de 1961 a 1962 e foi uma das primeiras médicas a divulgar a psicologia Junguiana no Brasil. Ela manifestava-se contrária a formas agressivas de tratamentos psiquiátricos como o confinamento em hospitais psiquiátricos, o eletrochoque e a lobotomia. Fundou em 1952 o Museu de Imagens do Inconsciente, um centro de estudo e pesquisa de trabalhos produzidos por pacientes psiquiátricos, valorizando essas imagens como documentos que possibilitariam uma compreensão mais profunda do universo interior dos sujeitos.



Segundo Nise da Silveira (1997, p. 69), nunca nos maravilharemos bastante se pensarmos nesse prodigioso fenômeno que é a formação de imagens interiores. Como elas se configuram às custas de energia psíquica, ninguém sabe. Mas a prova da transformação de energia psíquica em imagens nos é dada todas as noites nos nossos próprios sonhos, quando personagens conhecidas ou estranhas surgem das profundezas para desempenhar comédias ou dramas em cenários mais ou menos fantásticos.

Ao dizer que existe uma base psíquica comum a todos os seres humanos, própria a noção de arquétipo é fácil compreender por que em lugares e épocas distantes aparecem temas idênticos nos contos de fadas, nos mitos, nos dogmas e ritos das religiões, nas artes, na filosofia, nas produções do inconsciente de um modo geral, como no caso dos sonhos das pessoas.

Um exemplo típico é o tema mítico do *eterno retorno*. Vamos encontrá-lo profundamente enraizado nas convicções ingênuas de sociedades primitivas, seguras de que ocorrerá uma volta aos tempos das origens, era de abundância e de felicidade. Segundo Silveira, diante de Nietzsche, a visão do eterno retorno apresentou-se terrível. Ele a transportou para a existência individual. “Todas as percepções, sentimentos, pensamentos, gestos de sua própria vida estariam inexoravelmente condenados a repetir-se sem fim.” (SILVEIRA, 1997, p. 69).

Nise da Silveira conta que a idéia do eterno retorno se apoderou de um esquizofrênico, paciente de um hospital psiquiátrico no Rio de Janeiro. Ele se imaginava prisioneiro de uma cadeia de fatos e de pensamentos que se reproduzem e se sucedem sem trégua, regidos pelo que ele chama de “Movimento de repetição”. Esse mito do eterno retorno está tão vivo que filmes³ são feitos, atualmente, com essa idéia, mostrando a agonia de se passar por um mesmo dia eternamente e a busca do homem ou personagem em sair desse ciclo de repetição.

Alguns arquétipos são tão importantes na formação de nossa personalidade que Jung dedicou-se, especialmente, a estudá-los. Quatro dos arquétipos descritos por Jung pareciam

³ **Groundhog Day** (*Feitiço do Tempo*, no Brasil) é um filme norte-americano de 1993 dirigido por Harold Ramis. No filme, Murray interpreta Phil Connors, um egocêntrico homem do tempo da TV em Pittsburgh, que durante a



ocorrer mais frequentemente do que outros. Esses arquétipos principais, considerados por Jung sistemas distintos de personalidade são: a persona, a anima e o animus, a sombra e o eu ou *self*.

Para elucidar o significado da palavra “persona”, Hall diz que:

Na psicologia Junguiana, o arquétipo de persona atende a um objetivo semelhante: dá a um indivíduo a possibilidade de compor uma personagem que necessariamente não seja ele mesmo. Persona é a máscara ou fachada ostentada publicamente com a intenção de provocar uma impressão favorável a fim de que a sociedade o aceite. Assim, a persona é o aspecto mais exterior da personalidade e oculta o eu verdadeiro. A noção de persona se assemelha ao conceito sociológico de desempenho de papel (role playing) em que podemos agir como pensamos que os outros esperam que ajamos em diferentes situações (HALL, 1984, p. 36).

Existem vários tipos de máscaras que uma pessoa pode usar. Podem-se usar máscaras diferentes para casa e para o trabalho, de acordo com o que se acredita que é esperado desse indivíduo em cada um desses ambientes. Enquanto a persona é a “face externa” do indivíduo, para Jung a anima (para os homens) e o animus (para as mulheres) seria a “face interna”.

O arquétipo de *anima* constitui o lado feminino da psique masculina; o arquétipo de *animus* compõe o lado masculino da psique feminina. O homem desenvolveu seu arquétipo de anima pelo relacionamento continuado com mulheres durante muitas gerações; e a mulher desenvolveu seu arquétipo de animus pelo relacionamento com os homens. Vivendo e interagindo um com o outro durante gerações, cada sexo adquiriu características do sexo oposto que facilitam as respostas adequadas e a compreensão do outro sexo (HALL, 1984, p. 38, grifos do autor).

Outro dos arquétipos principais descritos por Jung é a *sombra*.

No homem, a sombra contém uma maior quantidade da natureza animal do que qualquer outro arquétipo. Em virtude de suas raízes muito aprofundadas na história evolutiva, é este provavelmente o mais poderoso

abertura do anual Dia da Marmota, encontra-se repetindo o mesmo dia várias vezes.



e potencialmente o mais perigoso de todos os arquétipos (HALL, 1984, p. 40).

Eu ou *self* é o arquétipo central. Toda personalidade incluindo o ego. É a forma de todos os conteúdos psíquicos, incluindo a identidade do ego e do outro no consciente e no inconsciente. O ego é o centro da consciência, surge do processo de individuação. A diferenciação do ego e do outro, expressa o desenvolvimento do *self*. As incontáveis relações do ego e do outro são símbolos e funções estruturantes do *self*, presentes na consciência, mas sempre enraizadas e oriundas da dimensão simbólica, seja ela corpo, natureza, sociedade, idéia, imagem, emoção, palavra, número ou comportamento. Quanto aos símbolos, Nice da Silveira coloca que nem toda imagem arquetípica é um símbolo por si só.

Em todo símbolo está sempre presente a imagem arquetípica como fator essencial, mas, para construí-lo, a essa imagem devem ainda juntar-se outros elementos. O símbolo é uma forma extremamente complexa. Nela se reúnem opostos numa síntese que vai além das capacidades de compreensão disponíveis no presente e que ainda não pode ser formulada dentro de conceitos. Inconsciente e consciente aproximam-se (SILVEIRA, 1997, p. 71).

Os símbolos podem ser individuais ou coletivos. Jung se interessou mais pelos coletivos ou universais como: a estrela de Davi, a Cruz, entre outros, em sua grande maioria, religiosos. Um dos mais famosos símbolos é o Martelo de Thor, adotado por Hitler como Suástica. O Martelo de Thor (Deus do Trovão) é do tempo dos Vikings e simboliza a proteção divina contra o perigo. Mas como foi mal usado por Hitler, hoje vemos esse símbolo com medo e desaprovação. Para conseguir desprogramar esse estado, não basta saber a verdade, mas sim repeti-la várias vezes até se reprogramar a mente.

Os símbolos podem ser nomes, imagens familiares, entre outros. Eles possuem um significado óbvio, mas também trazem conotações específicas. A imagem, o nome ou outra coisa, só pode ser considerada símbolo quando evoca algo mais que seu simples significado. O símbolo é algo dinâmico e vivo que vai além do consciente. Eles podem ser encontrados nos sonhos com



uma representação individual ou coletiva. Jung dizia que como uma planta produz flores, assim também a psique cria os símbolos. Como a dimensão inconsciente da psique é inacessível a um exame direto, o modo possível de investigação da realidade psíquica estaria fundado no exame e na interpretação dos seus produtos. Freud e Jung usam ambos, o método interpretativo como caminho de aproximação da realidade psíquica.

Segundo Valladares (2003, p. 51), na abordagem Junguiana, a arteterapia fornece para o sujeito, instrumentos de materiais expressivos diversos e adequados para possibilitar a comunicação entre os símbolos da energia psíquica (sentimentos, emoções, afetos, conflitos) com o meio exterior, resultando em revelações, resgates, reconstrução, transformação, liberdade de expressão e autonomia criativa. Propomos, então, a abordagem junguiana como ferramenta complementar na leitura das imagens produzidas em processos arteterapêuticos.

Segundo Silveira (1992, pp. 2-3), se o ambiente do ateliê for livre de toda coação, se encontrar ali suporte afetivo e em outros o desejo de aproximação, inicia-se não raro um processo movido por forças instintivas de defesa em luta contra correntes poderosas que se movem na direção das funduras, no inconsciente. Nesse ateliê, a pintura não é entendida como "médium", mas tem valor próprio. Ela atribui grande importância à imagem em si mesma. Se o indivíduo que está mergulhado no caos de sua mente dissociada consegue dar forma às emoções, representar em imagens as experiências internas que o transtornam, se objetiva a perturbadora visão que tem agora do mundo, estará desde logo, e pelo menos em parte, despotencializando essas vivências de suas fortes cargas energéticas. Para Nise da Silveira a pintura é linguagem rica em símbolos.

4 Discussão

Desde que se tem conhecimento dos primeiros homens que viveram na terra, a arte aparece como forte fonte de expressão. Dança música e desenhos, que até hoje encontramos nas cavernas são exemplos importantes, e tinham funções diversas na cultura desses povos. Segundo Ciornai, o uso das artes como recurso terapêutico pode remontar às civilizações mais antigas, no



entanto “só com a crise da modernidade, e, especialmente após a Primeira Guerra Mundial, a arteterapia, como profissão, delineia-se como um corpo próprio de conhecimento” (CIORNAI, 2004, p. 21).

Para pensarmos o uso da arte de forma terapêutica faz-se então de grande relevância estudar o processo de mediação, considerando que para que exista um encontro de arteterapia seja necessário, ao menos, um mediador e um sujeito participante (esse número pode variar). Segundo Ciornai, os arteterapeutas acreditam “que a criatividade está intrinsecamente conectada com os processos de vida, e que a habilidade de expressão por diferentes linguagens verbais e não-verbais é um potencial natural de todos os seres humanos” (2004, p.15)

Assim trazemos Vygotsky para reforçar as possibilidades dos processos de mediação ao pontuar a importância desse procedimento para o desenvolvimento humano. Em seus estudos o autor coloca o papel do mediador como fundamental para a interação do indivíduo com o conhecimento e para o desenvolvimento desse sujeito.

A articulação da produção, da fruição e da reflexão é tomada como um momento provocador de conhecimento em arte, exigindo do mediador buscar a superação das reproduções canônicas, indo além da parte técnica e ilustrativa. Hernández pontua uma compreensão estética do conhecimento de artes, que compreende uma totalidade de informações:

[...] o núcleo deste enfoque são as diferentes manifestações da cultura visual, não só dos objetos considerados canônicos, mas sim dos que se produzem no presente e aqueles que fazem parte do passado; os que se vinculam a própria cultura e com as de outros povos, mas ambas desde a dimensão de “universo simbólico”; os que estão nos museus e os que aparecem nos cartazes publicitários e nos anúncios; nos videoclipes ou nas telas de Internet; os realizados pelos mediadores e pelos próprios indivíduos participantes (HERNÁNDEZ, 2000, p. 50).

O universo simbólico dos indivíduos começa a ser formado desde seus primeiros contatos com o mundo externo, com sua família, sua comunidade, sua cultura, suas experiências de vida. Como parte de nossa vida criamos e absorvemos uma grande bagagem de sinais, símbolos e crenças. Os signos ou sinais são imagens que nos dão uma informação rápida sobre seu



significado, como, por exemplo, um trevo de quatro folhas pode significar sorte ou uma balança em uma estátua de olhos vendados que pode significar a justiça. Já o termo símbolo tem sua origem do grego (*sýmbolon*) e representa algo da realidade que pode ser visível ou invisível. Normalmente tem reconhecimento mais universal, como o fogo que significa calor.

Segundo Jung, esse universo mental começava mesmo antes do contato do sujeito com o mundo. Ele defendia a ideia de uma universalidade do inconsciente coletivo que podia ser explicada pela teoria da evolução. Assim, através dos milênios, comportamentos recorrentes se tornavam tendências herdadas e contidas no inconsciente coletivo e denominou essas emoções ou outros eventos mentais como arquétipos.

Os arquétipos são vivenciados como emoções e outros eventos mentais e estão tipicamente associados com experiências significativas da vida como nascimento e morte, com estágios particulares como a adolescência e com reações ao perigo externo. Nise da Silveira destaca o prodigioso fenômeno que é a formação das imagens interiores dos indivíduos. Ela que foi uma das primeiras médicas a divulgar a psicologia Junguiana no Brasil: trabalhava e valorizava imagens produzidas por seus pacientes, como produção terapêutica.

Assim como Nise da Silveira, para Ciornai (2004, p. 15), o arteterapeuta não se coloca como um “leitor” ou no papel de interpretar, “mas sustentam-se na crença de que as pessoas podem ser agentes de sua própria saúde e de seus processos de crescimento”, buscando e encontrando em seus trabalhos seus próprios sentidos e significações. “Nessa abordagem, os arteterapeutas funcionam mais como guias, facilitadores e companheiros de busca, sugerindo experimentos que possam ajudar e revelar realidades interiores” (CIORNAI, 2004, p.15).

5 Conclusão

Em nossa busca de estudar autores que nos proporcionem um melhor entendimento da arteterapia e os fundamentos dos processos envolvidos em sua prática, encontramos vários



estudiosos, entre eles os que atuam e investigam diretamente a arteterapia e outros cujas pesquisas auxiliam o entendimento dessa atuação.

Procuramos aqui estabelecer uma “conversa” com a contribuição desses autores, mas sem descaracterizá-los, procurando em suas teorias e estudos aquilo que melhor poderia contribuir para uma prática tão nova como a arteterapia. Assim, percebemos que uma revisão bibliográfica, mesmo sem a possibilidade e intenção de esgotar o assunto, pode ser de relevante auxílio para estudantes e profissionais da área que busquem sanar dúvidas ou novas fontes.

Além disso, buscamos destacar a importância do exercício da criatividade para todos ao trazer a contribuição de diversos autores, pois o potencial criador e fruidor da arte é inerente ao ser humano. A criatividade e os processos de criação podem ser transformadores, por isso, gostaríamos de encerrar com uma citação de Ostrower que diz que “[...] a criatividade é um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial, uma de suas necessidades [...]” (apud CIORNAI, 2004, p. 68).

Referências Bibliográficas

CIORNAI, S. (Org). **Percursos em Arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia.** São Paulo: Summus, 2004.

FERRAZ, M. H. C. de T. **Arte e Loucura: Limites do Imprevisível.** São Paulo: Lemos Editorial, 1998.

FREITAS, N. K. **Interação Social, Imagens e Aprendizagens em Arte e Educação Inclusiva.** In: Revista Da Pesquisa. V.3, N.1, 2008.

FREITAS, N. K. **Percepções, Imagens, Palavras:** Os significados, a formação e o desenvolvimento humano. *Psicol. Argum.*, Curitiba, v. 27, n. 56, p. 45-54, jan./mar. 2009.

FREITAS, N. K. ; ANASTASIOU, H. P. **Desenho e Inclusão Socioeducativa: Diálogos com a Arte.** In: Anais VI Fórum de Pesquisa Científica em Arte, v. 6, p. 73, 2008

<http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Forum/anais-vi/08HeleneAnastasioueNeliFreitas.pdf>



FREITAS, N. K.; ANASTASIOU, H.P. **Imagens, Desenhos e Significados: Inclusão além dos muros da escola.** In: Revista Da Pesquisa. V. 3, N. 2, 2008-2009.

http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume4/numero1/plasticas/imagensdes.pdf

HALL, Calvin Springer. **Introdução à psicologia Junguiana.** São Paulo: Ed. Cultrix, 1984.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, J. SKILIAR, C. **Habitantes de babel: políticas e poéticas da diferença.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LIMA, T. C. S. MIOTO, R.C.T **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** Revista Katál, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37 – 45, 2007.

MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social. In: _____. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001, p. 09-30

MINAYO, M.C. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVEIRA, Nise da. **O Mundo das Imagens. 1992.**

http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/pdfs/mundo_imagens.pdf Acesso em 14 de mar de 2010.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e Obra.** Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1997.

VALADARES, A. C. A. **Arteterapia com Crianças Hospitalizadas.** Ribeirão Preto, 2003. Dissertação de Mestrado – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Orientadora: Profa Dra Ana Maria Pimenta Carvalho.

VYGOTSKY, L.S. **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **La Imaginación y la Arte en la Infancia.** Espanha: Akal, 1996.

ZAMBONI, Silvio. **A Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo nº59)